

Quem somos?

● O Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária, constituiu-se na Conferência Mundial de Mumbai (Índia) que juntou, em Novembro de 2016, delegados de 28 países.

● Em Outubro de 2022, realizou-se nova conferência mundial, em Paris, precedida de uma conferência internacional das mulheres trabalhadoras. Delegados de 43 países subscreveram um apelo que actualiza o Manifesto de Mumbai à luz da situação mundial (*).

● Compõem o comité de acompanhamento militantes operários de todas as tendências:

Camille Adoue (França)
Innocent Assogba (Benim)
Alan Benjamin (EUA)
Colia Clark † (EUA)
Adama Coulibaly (Burkina Faso)
Constantin Cretan (Roménia)
Berthony Dupont (Haiti)
Daniel Gluckstein (França)
Rubina Jamil (Paquistão)
Christel Keiser (França)
Apo Leung (China)
Nnamdi Lumumba (EUA)
Randy Miranda (Filipinas)
Mandlenkosi Phangwa (Azânia)
Liliana Plumeda (México)
Milind Ranade (Índia)
Klaus Schüller (Alemanha)
Jung Sikhwa (Coreia)
Mark Vassilev (Rússia)
Nambiath Vasudevan (Índia)

(*) Afeganistão, Alemanha, Argélia, Azânia, Bangladesh, Bélgica, Benim, Bielorrússia, Brasil, Burkina Faso, Burundi, Canadá, Chile, China, Congo, Coreia, Egipto, Estado espanhol, Estados Unidos, Filipinas, França, Grã-Bretanha, Grécia, Haiti, Hungria, Índia, Itália, Marrocos, México, Palestina, Paquistão, Peru, Portugal, Roménia, Rússia, Senegal, Sri Lanka, Suécia, Suíça, Togo, Tunísia, Turquia, Zimbabue.

PALESTINA

Estado de Israel

“Pilotos, escondidos debaixo dos vossos capacetes, parem de assassinar!”

No dia 1 de Março, activistas judeus israelitas manifestaram-se em frente à base aérea de Hatzerim, de onde descolam os aviões que bombardeiam Gaza. Gritavam: *“Soldados, parem de assassinar!”*, brandindo fotografias de civis assassinados e faixas em inglês e hebraico: *“Vocês têm as mãos manchadas de sangue”* e *“Parem de bombardear Gaza”*. Proclamaram *“o nosso objectivo: liberdade e igualdade para todos, do rio até ao mar.”*

Gaia Dan, uma das jovens organizadoras, tomou a palavra, dizendo: *“Pilotos, escondidos debaixo dos vossos capacetes, viemos aqui chegar-vos à cara o rosto das pessoas, crianças, mulheres, avós que as bombas que vocês largam do céu atingem. Lembrar-vos que são seres humanos, mostrar-vos os rostos deles e mostrar-vos que vocês são responsáveis pelos vossos actos, pelo assassinato de mais de 30 mil pessoas em cinco meses. E responsáveis, também, pela gente que morre de fome, da destruição das casas, dos hospitais, das escolas, de toda a vida em Gaza!”*

Conta ela que *“muito rapidamente a polícia e o exército vieram-nos dispersar com violência para nos tentarem intimidar, prenderam dois de nós, confiscaram-nos megafones, bandeiras, faixas. Mais um exemplo de como a polícia, com o apoio do exército, do*

governo dos extremistas de direita nos tentam calar. Não é uma guerra, é um massacre, um genocídio!”

Citada no dia 25 de Fevereiro para se apresentar no quartel, Sofia Orr, de 18 anos, recusou-se, como dezenas de outros, a alistar-se no exército: *“Não quero participar da política de opressão e apartheid que Israel aplica aos palestinianos. Tomei esta decisão antes da guerra, pois a opressão não começou apenas no dia 7 ou 8 de Outubro.”* Foi condenada a vinte dias de reclusão, renováveis. Mas Sofia não quer saber, pois, diz, *“quero contribuir para criar uma realidade em que todas as crianças, entre o rio Jordão e o mar, possam sonhar sem barreiras.”*

Manifestação desse apartheid que cada vez mais jovens judeus israelitas rejeitam: *“Como palestinianos dos territórios de 1948 (20% da população do Estado de Israel – ndr), não temos o direito de manifestar a nossa solidariedade com o nosso povo em Gaza, confia-nos a jornalista Soha*. Só no Sábado, 2 de Março, pudemos sair para as ruas de Kafr Cana, na Galileia.”* Nesse dia, centenas de palestinianos “cidadãos israelitas” e alguns militantes judeus manifestaram-se juntos contra o genocídio. ■

* Nome próprio alterado.

RÚSSIA

No funeral de Navalny, milhares de vozes gritaram

“Não à guerra!”

Com as suas declarações incendiárias a “não excluir” a intervenção de tropas francesas na Ucrânia, Macron fez um belo favor a Putin. No seu discurso anual de 29 de Fevereiro, o chefe do Kremlin

pôde, graças a Macron, ameaçar com *“um conflito com utilização de armas nucleares”*. No dia seguinte, 1 de Março, a propagandista em chefe do Kremlin, Margarita Simonian, divulgou uma con-

versa confidencial entre oficiais superiores alemães – registada pelos serviços secretos russos – em que se falava do fornecimento de mísseis Taurus à Ucrânia, mísseis que permitem atingir território russo a grande distância.

Apesar destas estrondosas declarações e das ditas revelações, o regime dos oligarcas vê-se confrontado com dificuldades. A duas semanas de uma eleição presiden-

cial já despachada, é palpável a lassidão deixada por dois anos de guerra. Entre as mulheres de soldados mobilizados que militam pelo regresso dos cônjuges da frente ouvem-se comentários como “*Nem sequer ouvi o discurso (de Putin – ndr). As bonitas promessas que lá vão fazer desaparecem todas logo que acaba a emissão.*”

Ainda pior para o regime, que proibiu manifestações, no dia 1 de

Março, dia das obséquias do opositor Navalny, morto na prisão, concentrou-se em Moscovo uma multidão avaliada em 16 mil pessoas. Além das palavras de ordem tradicionais da oposição, milhares de vozes gritaram “*Não à guerra!*” e também “*Soldados para casa!*”, “*Liberdade para os presos políticos!*” ■

Com os nossos correspondentes na Rússia

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

Retirada das tropas estrangeiras! Multinacionais fora!

O último número da *Tribune libre des travailleurs* (147, de Janeiro de 2024), boletim informativo do Partido dos Trabalhadores e da Democracia do Burundi, alerta para o recrudescimento da violência no Leste da República Democrática do Congo (RDC), onde se intensificam os combates entre as forças governamentais, apoiadas por tropas de vários países (incluindo o Burundi), encabeçadas pela África do Sul, e os rebeldes do M23 (sub-repticiamente apoiados por Kagame, o presidente do Ruanda e aliado de Macron).

A *Tribune libre des travailleurs* denuncia que “Estes combates estão a matar muitos civis na província de Kivu, com o seu rasto de crimes de guerra: violações, torturas, detenções arbitrarias, raptos, etc. Corta-se todos os dias a garganta a pessoas ditas tutsi, e os autores destas barbaridades andam pelas ruas em plena luz do dia, brandindo cabeças humanas! Mais de cinco milhões de pessoas foram deslocadas, e milhares de outras encontraram a morte*.

Enquanto isto, as milícias (há mais de cento e vinte) protegem quem anda a extrair o minério e cometem actos de violência contra a população civil. O conflito ameaça agora alastrar a toda a região dos Grandes Lagos. A guerra e as tensões na região são, assim, principalmente por causa da apropriação dos recursos minerais do Kivu, estando implicados, por conta do imperialismo e das suas multinacionais, o contingente militar das Nações Unidas (MONUSCO), mercenários, exércitos governamentais e grupos armados.

Entre os recursos cobiçados figuram ouro, cassiterite, diamantes, lítio, cobalto, cobre, volframite e colombo-tantalite (coltan). A colombo-tantalite usa-se no fabrico de smartphones e computadores portáteis. Este material, tão raro quanto precioso, que passou a ser indispensável na alta tecnologia, está em expansão desde os anos 90. A região de Kivu alberga 80% das reservas mundiais deste mineral. Acresce que, desde o período colonial, estas matérias-primas, para além da madeira, do

marfim e da borracha, têm sempre despertado o apetite das grandes potências.

A paz na região africana dos Grandes Lagos e os interesses dos povos congolese exigem a retirada de todos os exércitos estrangeiros e de todas as multinacionais que andam a pilhar os minerais da RDC, semeando a morte e a desolação no país. Entre estes exércitos incluem-se as tropas do Burundi, que, do mesmo modo que na Somália e noutros locais, devem ser repatriadas sem demora em nome da soberania dos povos congolês, burundi, somali, etc. A tarefa urgente é construir organizações independentes dos trabalhadores para romper com o imperialismo, nacionalizando as riquezas sob controlo operário, para que o povo trabalhador possa viver em paz e com dignidade” ■

Com os nossos correspondentes

* Desde o início dos anos sessenta, mais de cinco milhões de pessoas foram mortas nos conflitos no Zaire-RDC.